

GEORG SIMMEL E O PROBLEMA DA DESIGUALDADE SOCIAL

Georg Simmel and the problem of social inequality¹

Berthold Oelze²

Resumo

A posição de Simmel no que concerne as origens e a dinâmica dos conflitos sociais e das revoluções se apresenta de maneira concentrada num conto de fadas criado por ele e intitulado "Rosas. Uma hipótese social". Diferentemente de abordagens que tentam explicar o desenvolvimento histórico das sociedades por meio de condições materiais e fatos objetivos, Simmel enfatiza aspectos subjetivos frequentemente negligenciados. Para ele, o pensamento humano repousa sobre a sensibilidade para as diferenças, consiste na interpretação delas e se desenvolve por meio da comunicação a respeito delas. A partir da comparação de propriedades particulares e da atenção para as diferenças entre estas, surgem sentimentos de privação, inveja e cobiça, por um lado, e o orgulho e a arrogância dos privilegiados, por outro. Quando a insatisfação da maioria chega a ser articulada e relacionada com teorias políticas e ideias éticas, podem ocorrer revoluções que resultam numa redistribuição de bens. Mas a situação nova, considerada justa, não dura por muito tempo. Logo começa de novo o processo da diferenciação social, com tensões sociais crescentes até uma outra revolução, que leva mais uma vez a uma redução de desigualdades sociais, e assim por diante. O artigo oferece uma tradução completa e uma análise dessa "hipótese social" de Simmel, mostrando que ele retomou motivos de pensadores como Tocqueville e Rousseau e antecipou concepções sociológicas que podem ainda hoje orientar a pesquisa sobre a desigualdade social.

Palavras-chave: Desigualdade social; Diferenciação social; Conflito; Rosas.

Abstract:

Simmel's stance with regard to the origins and dynamics of social conflicts and revolutions is presented in concentrated form in a fairy tale created by him and titled "Roses. A social hypothesis". Differently from approaches that seek to explain the historical development of societies by referring to material conditions and objective facts, Simmel emphasizes subjective aspects that are frequently neglected. According to him, human thought relies on a sensibility towards differences, consists in their interpretation, and is developed through communication about them. On the basis of a comparison between particular properties and the attention to their differences, there emerge feelings of deprivation, envy and greed, on the one hand, and pride and arrogance of the privileged, on the other. When the dissatisfaction of the majority comes to be articulated and related to political theories and ethical ideas, revolutions might occur which result in a redistribution of goods. But the new situation, taken as fair, does not last long. Soon the process of social differentiation begins anew, with growing social tensions until a new revolution brings about once again a reduction of social inequalities, and so on and so forth. The article presents a full translation and an analysis of Simmel's "social hypothesis", showing that he

¹ Revisado por Arthur Bueno. Agradeço ao Arthur pela revisão competente e por muitos melhoramentos valiosos. Sem ele, a publicação desse artigo não teria sido possível.

² Essen, Alemanha. Email: b.oelze@gmx.de.

adopted motives from thinkers such as Tocqueville and Rousseau and anticipated sociological conceptions which can still today orient research on social inequality.

Keywords: Social Inequality; Social Differentiation; Conflict; Roses.

Por muito tempo, a recepção das obras de Simmel foi influenciada e limitada por juízos políticos. Comentadores famosos, como Adorno e Lukács, criticaram-no por não ter assumido uma posição política clara. E de fato, na gama enorme de seus assuntos e interesses, as questões políticas ocupam um espaço bastante reduzido. As poucas reivindicações políticas explicitadas por Simmel não se vinculam a nenhum programa partidário definido. Por um lado, ele defendeu posições progressistas, como foi o caso, por exemplo, de sua defesa da “modernidade” e da emancipação das mulheres (cf. Rammstedt, 2015); por outro, ele também assumiu posturas reacionárias e nacionalistas, como tornou-se evidente durante a primeira guerra mundial (cf. Simmel, 1999). Na grande maioria de seus textos científicos, porém, ele procurou tomar um ponto de vista neutro, intermediário e objetivo, correspondente ao princípio da liberdade em relação a juízos de valor (*Werturteilsfreiheit*) formulado pelo seu amigo Max Weber. Por isso torna-se difícil reconstruir as considerações políticas de Simmel no que se refere à disputa entre progressistas e conservadores, entre esquerda e direita. Mas existe uma fonte pouco conhecida e com frequência subestimada que pode nos ajudar nesse propósito. Podemos encontrar, em suas obras literárias, um texto que permite tal reconstrução. Reproduzo-o a seguir.

Rosas. Uma hipótese social.³

Este conto de fadas se passa em Utopia ou em Seldwyla⁴, ou quem sabe em toda parte.

Havia ali, entre os cidadãos, uma terrível desigualdade. Cada um tinha seu pedaço de terra, que lhe rendia tanto quanto precisava, quando não se precisava mais do que havia rendido. Mas alguns cidadãos puderam, além

³ Na edição completa das obras do autor, Simmel, 2005.

⁴ Seldwyla é o nome de uma cidade fictícia numa série de novelas do poeta suíço Gottfried Keller, publicada a partir de 1856.

disso, se dar ao luxo de cultivar rosas em seus sítios, seja porque possuíam mais dinheiro do que os outros, ou investiram mais tempo nisso, ou tinham terra e sol justamente como as rosas amam – com o resultado, em suma, que eles possuíam rosas e os outros não. Durante muito tempo essa situação foi aceita sem rancor, pois não se pensava no assunto, como se fosse uma necessidade natural que tal posse se distribuisse tão desigualmente quanto a beleza e a feiúra, ou a inteligência e a ignorância. Mas quando os possuidores de rosas as multiplicaram e refinaram por meio de subsidiárias, surgiu um rancor difuso entre os outros cidadãos. Um agitador os convenceu, com palavras inflamadas, de que o direito de possuir rosas é dado com o nosso nascimento e que seria preciso, agora, acabar com o acaso cego segundo o qual somente alguns poucos as receberiam. Um outro pregou para as massas que o tempo da modéstia apática acabara e a palavra de ordem na luta por uma cultura mais elevada seria: você deve cobiçar, deve cobiçar. Um terceiro comprovou lógica e botanicamente que as rosas, dada sua tendência a multiplicar-se⁵, deveriam afinal acumular-se por si mesmas, de maneira que seus poucos possuidores sufocariam nelas, como aconteceu com os hóspedes de Heliogábalo⁶, e toda posse passaria automaticamente à massa; mas esse processo inevitável de expropriação poderia ser facilitado e acelerado. Não foram, todavia, somente os impulsos baixos da inveja, da cobiça e da luxúria que comoveram a multidão. Assim como o perfume da rosa não agrada somente ao olfato (quão pobre aquele que a sente apenas com o nariz!), mas invade com sensações doces até o mais fino e remoto do nosso ser – assim também confluíram naquele clamor do povo, com seus impulsos demasiadamente humanos, as aspirações últimas da alma e os pensamentos mais profundos da cultura. Constituiu-se um partido revolucionário, e, no lado oposto, um partido conservador dos possuidores de

⁵ Simmel refere-se de forma irônica a uma tendência bem conhecida presente, por exemplo, no provérbio inglês “*The rich(es) get richer*”, ou na Bíblia: “Pois a quem tem, mais será dado, e terá em grande quantidade” (Mt. 25:29). Robert K. Merton (1968) derivou disso o chamado “efeito Mateus” (*Matthew effect*) da acumulação de vantagens. Na Alemanha fala-se, em sentido semelhante, de um princípio da intensificação das diferenças ou dos desvios (*Abweichungsverstärkung*).

⁶ Simmel refere-se aqui a uma frase contida em *Historia Augusta*, obra historiográfica sobre os imperadores romanos tardios. Nela é afirmado que o imperador “Heliogabalus” (o correto seria: Elagabalus, 218-222 p.Chr.n.) teria cobrido os seus dependentes com violas e flores (*violis et floribus*) de maneira que eles não podiam escapar e alguns sufocaram nelas. Inspirado nisso, o pintor inglês-holandês Lawrence Alma-Tadema fez um quadro com o título *The Roses of Heliogabalus* (1888). Entre os burgueses bem educados daquela época, tal aspecto da vida do imperador era amplamente conhecido, sendo, além disso, entendido como símbolo da morte em meio a uma abundância de luxo.

rosas, que pretendiam assegurar não somente sua propriedade, mas também a fascinação que só agora se tornou consciente: a de ter algo que os outros invejaram e desejaram. Enquanto eles ainda preparavam uma lei que lhes garantiria o monopólio de sua propriedade tradicional, herdada, histórica, começou a revolução que terminou com o triunfo total do partido egalitarista. Esse sucesso tornou-se possível, principalmente, porque a ideia ética que motivara tal partido invadiu, finalmente, também o campo oposto; acima de todas as oposições de interesses, elevou-se o ideal da justiça social. A vitória externa apenas confirmou a vitória interna que já havia sido conquistada.

Assim eram alcançadas, enfim, a paz, a igualdade e a felicidade. Em cada mais ínfimo pedaço de terra que um cidadão possuía, floresceram rosas, e a nova partilha da terra então realizada deu a cada um as mesmas condições para o crescimento delas. Todas as vantagens que a condição externa das coisas pode oferecer foram distribuídas de maneira mais justa. Mas, naturalmente, as partes não puderam ser tão iguais quanto as partes de uma equação matemática. Um possuía uma mão mais habilitada para a cultura de rosas, outro tinha um pouco mais de sol, e um terceiro um enxerto mais potente, pois a natureza segue apenas aproximadamente e sem qualquer compromisso a simetria dos planos humanos. Mas essas desigualdades mínimas foram vistas como algo a ser inevitavelmente tolerado, assim como pouco tempo antes as grandes desigualdades, agora eliminadas, eram aceitas – diante do enorme resultado que fora alcançado, essa quantité négligeable não era propriamente notada.

Que a história, no entanto, tenha se desenvolvido de maneira totalmente diferente se deveu a uma peculiaridade notável da psique humana, enraizada tão profundamente nela e tão ramificada nas suas vivências do dia a dia que somente após milênios de reflexão sobre o nosso espírito ela foi descoberta. A saber: a alma não pode sentir senão a diferença de seu movimento e excitação atuais em relação aos anteriores; estes reverberam nela e formam o pano de fundo a partir do qual o instante atual ganha e mede seu conteúdo e significado. Por isso a vida nos parece, quaisquer que sejam as alturas ou baixezas nas quais ela transcorra, tão vazia e indiferente quando lhe faltam as diferenças

internas, de maneira que os homens temem a felicidade eterna do paraíso tal qual um tédio igualmente eterno. A perda de cem milhares não faz o rico mais infeliz do que algumas moedas perdidas fazem o pobre; e nos primeiros passos do amor, um toque de mãos clandestino não nos faz menos felizes do que, nos passos mais altos, a conquista final da felicidade completa. Por isso, não sentimos a grandeza absoluta dos estímulos da vida, não sentimos quão alto ou baixo é o nível total de nossas satisfações e frustrações, mas somente as diferenças com as quais os contentamentos singulares se distinguem entre si. Daí que alguém que tenha sido elevado ou rebaixado de um nível de vida para outro, após um curto período de adaptação, reage às flutuações e diferenças no nível novo precisamente com os mesmos sentimentos de alegria e sofrimento presentes, em suas intensidades maiores ou menores, no estado anterior. Nossa alma se assemelha àqueles mecanismos finos que reagem a cada mudança das condições externas com uma mudança automática de atitude, de maneira que o resultado permanece sempre o mesmo. Se nossas relações com outras pessoas, as diferenças dos altos e baixos a respeito delas, se manifestam internamente como emoções – então, se mostra aqui também que somos seres sensíveis para as diferenças e, logo, capazes de adaptação, de maneira que associamos a grandeza modificada dos estímulos à mesma grandeza de emoção.

E assim foi, por tanto tempo quanto o foi; mas um dia a adaptação se encerrou e aquelas diferenças mais finas de cor e de forma, de perfume e de atratividade das rosas, com as quais a natureza se apresentava como a última instância para além de todas tentativas de equilibrar as diferenças, provocaram o mesmo ódio e a mesma inveja, a mesma arrogância de um lado e o mesmo sentimento de privação do outro. E, de novo, teorias radicais começaram a invadir as mentes: para que serviria toda propriedade senão para elevar os homens a um nível mais alto de felicidade? Toda posse externa não ganharia um sentido somente na medida em que estimula sentimentos de satisfação, sem os quais ela seria uma casca sem núcleo, um apelo a ouvidos moucos? Toda a revolta contra a situação anterior não teria se originado do sofrimento da desigualdade, da privação e da injustiça? E não poderia o problema ser resolvido por meio da

redistribuição externa dos bens, permanecendo internamente tudo como antes? Uma mera troca de máscaras! Surgia o conhecimento terrível de que não existe nada mais indiferente do que rosas, se a natureza vincula os mesmos sentimentos de desigualdade à posse e à carência delas. O erro na história do mundo foi justamente este: que a causa das alegrias e dos sofrimentos foi deslocada para a posse ou não posse de coisas. Mas nada disso. Não é a posse ou não posse de algo que determina meus sentimentos – mas sim se outros o possuem ou não. Somente as almas inteiramente finas e puras, que são ricas o suficiente para viver completamente daquilo que lhes é mais próprio e interior, conseguem apropriar-se com satisfação de um objeto sem sentir algo para além de seus limites; a massa, porém, nunca vai contentar-se com a atratividade das coisas, ela vai associar suas excitações à posse, caso seu vizinho seja privado dela, e à privação, caso o vizinho a possua. Somente a primeira impressão imediata da mudança de propriedade pode prevalecer sobre a comparação; mas nossa sensibilidade rapidamente adaptada vai ser estimulada com a mesma intensidade pelas diferenças mais finas do nível novo, como fora o caso com as diferenças anteriores e mais grosseiras. E a ilusão sempre nos impele de novo rumo à montanha de Sísifo da equalização externa, até o ponto no qual a natureza impõe um limite e reconhecemos que o sofrimento, do qual gostaríamos externamente de escapar, nos segue internamente de perto.

Se e quando os cidadãos do país deste conto de fadas entenderam isso, e com qual frequência a revolução se repetiu – sempre aspirando eliminar o que ainda restou da desigualdade –, não sei. Talvez saberemos daqui a cem anos. Mas as rosas continuaram a viver na sua beleza autossuficiente, numa indiferença consoladora em relação a todas essas mudanças.

A verdade no conto de fadas

Esse texto de Simmel foi publicado anonimamente na revista alemã *Jugend* (Juventude) no dia 12 de junho de 1897. Tal semanário se dirigia a um público interessado em inovações nas artes e na cultura, em uma sociedade decididamente “moderna” e em uma renovação social a partir da

juventude⁷. Nesse contexto, o “conto de fadas” de Simmel serviu para abrir uma perspectiva nova sobre as origens do problema da desigualdade social. Simmel declarou oferecer somente uma “hipótese”, mas esta foi por ele desdobrada como se fosse uma explicação cientificamente fundada, de modo que podemos supor que se revelem aqui, de maneira implícita, suas convicções científicas e políticas. É bem possível, além disso, que ele, duplamente protegido pelo anonimato e pela forma insuspeita de uma fábula, tenha articulado nesse texto sua posição política de maneira mais clara do que em outros lugares. Por isso, a fábula merece uma leitura atenta e uma interpretação detalhada, até porque Simmel defendeu uma concepção ampla de verdade: muito além da noção positivista de que a verdade consistiria na correspondência entre enunciados e fatos puramente objetivos (isto é: “positivos”), Simmel entendeu-a como um produto do pensamento humano no contexto da vida vivida e em relação com as experiências concretas. Daí que ele tenha encarado como válidas não somente as pretensões de verdade das ciências empíricas, mas também aquelas contidas nas emoções, nos sonhos e nas artes – e assim, também nas ficções literárias, incluindo os contos de fada.

O contexto histórico do assunto

O conto de fadas de Simmel parece tratar de um problema presente em todas as sociedades e épocas, mas seu assunto surgiu somente a partir de meados do século XVIII. Não havia nas épocas anteriores, a bem dizer, discursos sobre a desigualdade social. As filosofias antigas e medievais desconheciam os conceitos de desigualdade e de injustiça social e ignoraram em grande parte os problemas reais ligados a estas⁸. A exigência de uma política em prol de direitos iguais para todos os homens desenvolveu-se na pré-história e no contexto da revolução francesa⁹. A percepção de que a grande

⁷ Do design original da revista *Jugend* provém a noção de “*Jugendstil*”, referente a um estilo gráfico e artístico desenvolvido no fim do século XIX e começo do século XX.

⁸ Não faltam tentativas de mostrar que o problema político da desigualdade e da justiça social já existia em épocas anteriores. No que concerne as condições sociais vistas da perspectiva de hoje, elas têm razão. Mas quanto à presença das ideias e dos conceitos da igualdade social e da justiça social em discursos e na consciência dos homens, temos que ter em conta que se trata de um fenômeno relativamente novo, intrinsecamente ligado às mudanças sociais e políticas da época moderna (cf. Höffe, 2007, p. 84s.).

⁹ O início do discurso moderno sobre a desigualdade social pode ser encontrado na obra de Jean-Jaques Rousseau, *Discours sur l'origine et les fondements de l'inégalité parmi les hommes* (1755).

revolução de 1789 não foi um acontecimento único, isolado e totalmente excepcional se intensificou com as revoluções de 1830, na França, e de 1848-49, na Alemanha e em outros países da Europa. Justamente nessa época formou-se (e foi de certa forma “inventado”) o conceito de “justiça social” que domina a retórica da esquerda até hoje¹⁰. O contexto mais abrangente no qual esse conceito se insere foi chamado de “a questão social”. Nas últimas décadas do século XIX, os problemas sociais associados a essa questão – pobreza, migração, crescimento urbano acelerado, falta de trabalho suficientemente pago, moradia e alimentação precárias, doenças, mortalidade alta etc. – preocuparam não só os marxistas e socialistas, mas também, com uma intensidade crescente, os burgueses liberais e conservadores¹¹. A problematização política das desigualdades sociais cresceu com a industrialização e com o avanço do capitalismo. O contexto que permitiu esta problematização consistia na associação, e até confusão, dos conceitos de desigualdade social e de injustiça social, de maneira que cada percepção de uma desigualdade poderia levar à denúncia de uma injustiça¹². Simmel publicou seu conto de fadas justamente quando a questão social passava a dominar as discussões políticas da burguesia.

O marxismo como pano de fundo

Simmel situou seu texto, de início, na tradição das utopias filosóficas e literárias. No fim do século XIX, a utopia mais discutida era a do marxismo: a possibilidade – para os marxistas, uma possibilidade real comprovada pelo materialismo histórico e dialético – de uma sociedade justa, sem qualquer repressão, sem donos, empregados e escravos, sem proprietários (dos meios de produção) e seus subordinados, isto é, um mundo com uma verdadeira igualdade social. Assim como associamos a fábula simmeliana à teoria

¹⁰ Um comentador chamou atenção que o adjetivo “social” nesse conceito significa um acréscimo: só a justiça não basta mais, ela deve ser também “social”. De maneira semelhante: não bastam mais um Estado e uma economia de mercado que funcionem bem, costumamos exigir um “Estado social” e uma “economia de mercado social”. O acréscimo “social” fascina com a promessa de uma distribuição igual da felicidade (cf. Bolz 2009, p. 89).

¹¹ A história da “questão social” foi pesquisada por um dos pioneiros e clássicos da sociologia alemã, Ferdinand Tönnies, no livro *Die Entwicklung der sozialen Frage* (O desenvolvimento da questão social), publicado em 1913.

¹² Na sociologia de hoje, o conceito de “desigualdade social” é amplamente aceito e utilizado. Esse não foi sempre o caso. Anteriormente, muitos cientistas notaram o significado normativo implícito a esse conceito e preferiram usar, em seu lugar, a categoria neutra “diferença social”.

marxista, também os leitores da *Jugend* e o autor certamente fizeram o mesmo. Por isso, temos que referir as respostas de Marx e de Simmel à pergunta: qual é a origem da desigualdade social? Enquanto Marx encontrou a resposta na estrutura da sociedade de classes, na propriedade privada dos meios de produção e na lógica perversa da economia capitalista, Simmel oferece aqui, em primeiro lugar, uma explicação psicológica e filosófica. Para ele, a desigualdade dos homens e das condições de vida é dada, inicialmente e sempre de novo, pela natureza. Esse não é necessariamente um motivo para conflitos sociais. Segundo Simmel, o problema político da desigualdade depende, antes de tudo, da percepção e do pensamento dos homens. De início, eles aceitam as desigualdades e não pensam sobre elas; quando, porém, as desigualdades ultrapassam certos limites – quando as “rosas” visivelmente se acumulam –, eles se dão conta delas e reagem com sentimentos negativos. Nessa situação, líderes políticos podem articular, intensificar e dirigir as energias emocionais das massas para uma revolução.

É fácil ler “Rosas. Uma hipótese social” como se fosse um distanciamento cínico-irônico e uma paródia do discurso marxista: Simmel fala, inicialmente, de uma desigualdade “terrível” e depois esclarece que se tratava somente de um problema de luxo estético: a falta de rosas. Em todo o texto, “capital” é substituído por “rosas”. E Simmel implicitamente critica, ao final, a esperança marxista de uma revolução radical que levaria a uma transformação completa das condições sociais como sendo ingênua e ilusória: haveria uma cadeia infinita de revoluções por conta de motivos psicológicos ainda não compreendidos.

À segunda vista mostra-se, porém, que Simmel concedeu aos marxistas razões muito fortes: o igualitarismo destes últimos repousa sobre ideais elevados que podem convencer até os burgueses conservadores, a saber: “a ideia ética da justiça social”, “as aspirações últimas da alma e os pensamentos mais profundos da cultura”. Com isso, Simmel distancia-se claramente da posição conservadora-reacionária que tenta reduzir as motivações do marxismo aos sentimentos baixos da inveja e da cobiça daqueles que possuem

menos¹³. Além disso, ele revela que a “arrogância” e a satisfação daqueles que possuem mais repousa sobre comparações com a carência relativa de outros: eles extraem sua felicidade da infelicidade dos outros. Com isso em vista, podemos pensar que Simmel demonstra certa simpatia pelas aspirações dos revolucionários.

O modelo simmeliano da função da psique

As revoluções tornam-se possíveis, segundo Simmel, graças a uma peculiaridade da psique: esta trabalha exclusivamente com seus próprios conteúdos; ela compara cada estado interno – o nível de estímulo e de emoção – com os anteriores. Esta teoria corresponde a modelos recentes da psique como sistema fechado e autopoietico (como na escola de Palo Alto e em Niklas Luhmann): o que entra na psique, segundo tais modelos, são somente dados sensíveis na forma de “irritações” – a psicologia clássica falou, a esse respeito, de “estímulos”. Por meio de interpretações, as irritações ganham significados e podem ser transformadas em pensamentos e comunicações. Estes constituem o material com os quais e por meio dos quais a cognição funciona.

Simmel desenvolveu sua concepção da função da psique a partir de resultados da psicologia experimental do século XIX. No texto em questão, podemos observar como ele vinculou as perspectivas da psicologia com as da sociologia e da filosofia idealista. Segundo Simmel, as emoções são qualidades não somente mentais e individuais, mas também intrinsecamente sociais, como pode ser demonstrado facilmente a respeito da inveja e da cobiça. Simmel investigou as condições sociais das emoções também em outros textos e tornou-se, com isso, um dos fundadores da psicologia social. As emoções não consistem meramente em fenômenos internos. Elas mostram-se externamente na medida em que motivam a ação social e o desenvolvimento da sociedade e da política. Elas não apenas contribuem para produzir a

¹³ O motivo da inveja é amplamente ignorado pelo discurso da desigualdade social e pela política igualitarista de hoje. Os protagonistas desta última evitam qualquer associação com “ressentimentos” negativos e preferem, em lugar de inveja, falar eufemisticamente de um “sentido da justiça” (*Gerechtigkeitssinn*). Pensadores como Kierkegaard, Nietzsche e Freud reconheceram a importância da inveja na formação da sociedade moderna. Nietzsche, inspirado por Hesíodo, distinguiu no seu “prefácio para um livro não escrito” sobre *A disputa de Homero* (1872), duas formas de inveja: uma inveja positiva e construtiva, que leva à atividade e concorrência: quero também o que o outro tem e luto para alcançar isto; e uma inveja negativa e destrutiva que se contenta com um nivelamento por baixo: não quero que o outro tem mais que eu. Somente poucas obras sociológicas preocupam-se de maneira concentrada com este assunto: cf., antes de tudo, Schoeck (1968) e Paris (2010).

sociedade, mas são também produzidas, em boa parte, pela sociedade, por meio da comunicação. Isso pode ser visto no papel dos agitadores, como Simmel os descreve. Estes fazem com que emoções inicialmente difusas ganhem significados, tornem-se mais intensas e motivem reivindicações políticas concretas. A precondição do desenvolvimento político consiste, nessa perspectiva, de emoções sociais vinculadas a percepções de diferenças e comparações¹⁴. Mas, para se chegar a uma revolução, é necessário um discurso político. Este só pode convencer a massa se houver uma ideia diretriz que sirva como meta política – no conto de fadas de Simmel, a ideia da justiça social. Simmel mostra-se, neste ponto, um pensador filosófico tendencialmente “idealista” na medida em que considerou ideias enquanto fatores decisivos para mudanças sociais. No seu conto de fadas, a vitória do partido revolucionário foi conquistada, antes de tudo, internamente, quer dizer, no nível do pensamento. Isso revela a posição de Simmel em relação à revolução marxista: ele rejeitou a tentativa de mudar as condições sociais por meio de uma tomada violenta do poder e preferiu uma disputa pacífica de ideias e argumentos políticos. Max Weber também considerou as ideias como sendo decisivas para as mudanças sociais. Para ele, o desenvolvimento social e político depende sempre de “ideias e interesses” – e também de instituições, como alguns comentadores acrescentaram. Simmel não acreditou que uma revolução radical pudesse eliminar, de uma vez por todas, as diferenças e as lutas sociais. Para ele, a cognição tende a detectar sempre novas diferenças e desigualdades que motivam novas demandas políticas. Não existe nenhuma medida objetiva da grandeza das desigualdades que seria necessária para iniciar uma revolução. Segundo Simmel, também desigualdades cada vez menores e mínimas podem levar a revoluções. O que conta para a política não é a desigualdade objetivamente dada, mas sim a desigualdade percebida e sentida.

¹⁴ Simmel se refere aqui somente uma vez ao termo “comparação”, mas a atividade de comparar tem um papel central no seu texto. Ele caracterizou a psique como um órgão de diferenciação que compara continuamente os estados mentais e emocionais. E ele ligou os problemas que resultam da propriedade particular com a comparação. A alegria, o orgulho e a satisfação de possuir algo não se referem somente à coisa possuída por si mesma. Tais sentimentos repousam também sobre comparações que detectam que outros não a possuem. Comparações entre propriedades incentivam a inveja, a cobiça, as expectativas e a concorrência, geram uma insatisfação incessante e estimulam com isso a dinâmica da economia capitalista.

A perspectiva de uma psicologia social tende a reduzir a complexidade do assunto, mas abre, ao mesmo tempo, um espaço para descobertas:

- Simmel esboçou uma teoria dos movimentos sociais que leva em conta a importância da distinção estética e das diferenças sociais finas, que Pierre Bourdieu pesquisaria oitenta anos mais tarde.
- Encontramos aqui também uma antecipação da teoria da “privação relativa” (a teoria da *relative deprivation* iniciada por Stouffer [1949] e Runciman [1966], entre outros) que orienta as pesquisas recentes sobre os movimentos sociais: o tamanho do descontentamento e da frustração de indivíduos e do engajamento político deles para mudanças sociais não é causado somente por dados sociais objetivos. Ele depende muito mais de julgamentos e emoções subjetivos que provêm de comparações entre a situação pessoal atual e uma situação considerada justa, bem como de comparações entre as situações de grupos sociais diferentes.
- Simmel ofereceu uma explicação psicológica daquilo que sociólogos chamaram mais tarde “o paradoxo de Tocqueville”: em sua obra célebre *Da Democracia na América*, Alexis de Tocqueville afirmou que quanto maior a igualdade numa sociedade, tanto mais cresce a sensibilidade para as desigualdades que ainda restam¹⁵.
- Podemos reconhecer a originalidade de Simmel também na visão de uma história do desenvolvimento social que consiste numa sequência de revoluções, ou seja, numa alternância entre fases de crescimento das diferenças individuais e de rápida desdiferenciação, fases de liberdade para o desdobramento de desigualdades e fases nas quais esta liberdade cede lugar para uma política igualitária.
- Além disso, Simmel conseguiu mostrar aqui a importância do contexto social para a formação de emoções e a importância das emoções para as relações e movimentos sociais.

Finalmente, em relação à desigualdade social, Simmel distinguiu implicitamente três tipos de seres humanos: aqueles que possuem menos,

¹⁵ Sigmund Freud falou, num sentido semelhante, de um “narcisismo das pequenas diferenças” (pela primeira vez no ensaio “O tabu da virgindade”, de 1918). Para ele, a “tendência agressiva” (*Aggressionsneigung*) oposta aos sentimentos solidários pode dirigir-se contra grupos e homens cada vez mais próximos e semelhantes. Se inimigos maiores faltam, até o vizinho aparentado pode tornar-se um objeto de ódio e agressão.

carecem algo e são motivados por inveja e cobiça; aqueles que possuem mais e ganham uma satisfação da consciência de que outros têm menos e sofrem de privações; e aqueles, mais raros, que conseguem livrar-se da obsessão coletiva de aspirar propriedades. Somente estes últimos seriam capazes de apreciar de maneira adequada as qualidades das coisas por si mesmas¹⁶.

A explicação de Simmel no contexto de teorias do nível macro

Vista com uma distância crítica, a “hipótese” de Simmel não faz jus à variedade e à complexidade enorme dos fenômenos revolucionários, tal como os historiadores da política os descrevem¹⁷. Para explicar a dinâmica de movimentos sociais de massa, é preciso que se disponha de teorias abrangentes a respeito da sociedade. Simmel não dispunha de uma teoria elaborada no nível macrossociológico. Ele concentrou-se em análises de formas sociais menores, como a “sociedade a dois”, o *menâge à trois* e as “sociedades à mesa” e acreditou que seria possível desenvolver uma compreensão de fenômenos sociais maiores, passo a passo, a partir dos processos em tais grupos pequenos. Seu ponto de partida era sempre as emoções, as percepções, os pensamentos, as ideias e as interações dos indivíduos. Por isso observamos em “Rosas” uma redução ao nível da psicologia na explicação de revoluções. A mesma tendência encontramos em sua *Filosofia de dinheiro*, publicada poucos anos depois (1900/07). Lá, Simmel ofereceu explicações sobre o capitalismo que se distinguem muito daquelas de Marx. Simmel viu essa diferença claramente:

De uma perspectiva metodológica, o motivo principal pode ser expresso assim: construir um andar abaixo do materialismo histórico, de maneira que [...] aquelas formas econômicas mesmas são vistas como resultados de valorações e de correntes mais profundas, de condições psicológicas e até metafísicas. Na prática do conhecimento deve se desenvolver, a partir daí, uma dualidade mútua infinita: a cada interpretação de uma forma ideal por meio de uma forma econômica deve seguir a exigência de interpretar esta última, por sua vez, a partir de profundidades mais ideais, ao passo que para estas precisa ser encontrado, novamente, um fundamento econômico geral, e assim por diante (Simmel, 1989: 13).

¹⁶ Esta posição de Simmel corresponde ao conceito do “prazer desinteressado” (*interesseloses Wohlgefallen*) na Estética de Immanuel Kant.

¹⁷ Como pode ser visto de maneira exemplar nas análises de Charles Tilly, 1993 e 2004.

Simmel propôs, com isso, uma relação de complementação mútua contínua entre explicações econômicas e macrossociológicas, por um lado, e explicações psicológicas e microssociológicas, por outro. Somente com uma alternância e uma combinação dessas abordagens opostas seria possível captar a “unidade das coisas” (ibid.). Entender o capitalismo e o fenômeno da revolução implica, por conseguinte, levar em conta não só os problemas materiais objetivos na sociedade, mas também os motivos psicológicos.

O que vale para a teoria da revolução mostra-se também em relação ao problema da desigualdade social. Simmel não ofereceu, aqui, nenhuma explicação da constituição e reprodução de desigualdades sociais que se refere à economia capitalista e à sociedade de classes ligada com esta. Ele conhecia a abordagem marxista e com isso também tais explicações. O que ele pretendeu fazer não era criticar ou até substituir teorias no nível macro, mas sim chamar atenção para fatores negligenciados pela perspectiva macrossociológica, para processos psicológicos que fazem parte na formação do problema da desigualdade social. Não precisamos somente de análises dos processos sociais que levam a mudanças políticas rápidas, precisamos também do complemento de uma psicologia da desigualdade social e dos movimentos sociais. Quando pensamos em debates atuais sobre o “medo” e a “raiva” dos cidadãos e o “ódio” exprimido nas comunicações em redes sociais – enraged citizens e hate speech –, a necessidade de uma tal psicologia torna-se óbvia. Para análises adequadas de problemas sociais e políticas precisamos, então, uma abordagem interdisciplinar. A esse respeito, Simmel foi um pioneiro. Em suas obras, ele conseguiu ligar e combinar as perspectivas da sociologia, da filosofia, da psicologia e das ciências históricas e culturais. Disso resultaram textos de grande originalidade que podem ajudar a ver assuntos bem conhecidos em outras perspectivas, como pode ser demonstrado de modo exemplar no seu conto de fadas “Rosas”.

Referências

BOLZ, Norbert. **Diskurs über die Ungleichheit**. Munique, 2009.

HÖFFE, Otfried. **Gerechtigkeit. Eine philosophische Einführung**. 3a. edição. Munique, 2007.

PARIS, Rainer. **Neid. Von der Macht eines versteckten Gefühls.** Waltrop, Leipzig, 2010.

RAMMSTEDT, Otthein. Como Georg Simmel chegou à Modernidade e lhe permaneceu fiel? Em: Sociologia & Antropologia. **Revista do Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal do Rio de Janeiro**, vol. 5.1, pp. 53-77, 2015.

ROUSSEAU, Jean-Jaques. **Discours sur l'origine et les fondements de l'inégalité parmi les hommes.** Amsterdã, 1775.

RUNCIMAN, Walter Garrison. **Relative deprivation and social justice: A study of attitudes to social inequality in twentieth century England.** Berkeley, 1966.

SCHOECK, Helmut. **Der Neid und die Gesellschaft.** 2a. edição. Freiburg, 1971.

SIMMEL, Georg. **Philosophie des Geldes.** Georg Simmel Gesamtausgabe, vol. 6, editado por David Frisby e Klaus Christian Köhnke, Frankfurt am Main, 1989.

_____. **Der Krieg und die geistigen Entscheidungen.** Em: Georg Simmel Gesamtausgabe (GSG), vol. 16, Frankfurt am Main, 1999.

_____. **Miszellen, Glossen (etc.). Georg Simmel Gesamtausgabe (GSG)**, vol. 17, editado por Klaus Christian Köhnke, Frankfurt am Main, primeira edição, pp. 357-361, traduzido por B.O, 2005.

STOUFFER, Samuel Andrews et al. **The American Soldier.** Princeton, 1949.

TILLY, Charles. **European Revolutions 1492-1992.** Oxford e Cambridge Mass, 1993.

_____. **Social Movements 1768-2004.** Boulder, 2004.

TOQUEVILLE, Alexis. **De la démocratie en Amérique.** 2 vols., Paris, 1835 / 40.